

MARACATU: REINADO, CORTEJO E FOLIA

É, assim, mantendo o rigor da nobreza, vestida pelos aparatos de roupas, símbolos do poder e acessórios de uma realeza interpretada pela vertente européia, que a força agregadora e coesa do Maracatu assenta seus motivos de grupo, de preceitos religiosos, de unidade social.

Inicialmente vinculado às Irmandades dos Homens de Cor e dos Homens Pardos, no caso do Recife, há a forte ligação com a Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos, local gerador dos reinados, cortejos reais, desfiles públicos, e que tradicionalmente saíam das missas de coroação, ganhando, em seguida, as ruas,

"Rompe o préstito um estandarte ladeado por arqueiros, seguindo-se em alas dois cordões de mulheres lindamente ataviadas, com seus turbantes ornados de fitas de cores variegadas, espelinhos e outros enfeites, figurando no meio desses cordões vários personagens, entre os quais os que conduzem fetiches (1) religiosos — um galo de madeira, um jacaré empalhado e uma boneca de vestes brancas com manto azul; — e logo após, formados em linha, figuram os dignatários da corte, fechando o préstito o rei e a rainha. Estes dois personagens, ostentando as insígnias da realeza, como coroas, cetos e compridos mantos sustidos por caudrrios, marcham sob uma grande umbela e guardados por arqueiros".

Pereira da Costa
in Folclore Pernambucano

para anunciar a passagem do rei e da rainha e toda sua corte africana.

No Recife, a organização e estabelecimento da prática do Reinado do Congo provavelmente tiveram marco no ano de 1674, na Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos, quando foram realizadas eleições entre os escravos para determinar quem seria o rei e a rainha.

(1) Considerar o emprego comprometido do termo fetiche com a leitura da época, quando foi utilizada por Pereira da Costa.



Outra informação de ordem histórica reforça o sentido eminentemente social e político no cargo de Rei do Congo, atuando no governo direto de grupos de africanos, etnicamente vinculados a sistemas culturais comuns ou afins. Assim, Henrique Dias já havia recebido do Rei Felipe IV o cargo de Governador dos Crioulos e Pardos. Ser Rei do Congo implicava administrar e apresentar o auto dos Congos, manifestação que se resumia no cortejo dramático — vide hoje o nosso Maracatu. É essa manifestação popular que revive tão significativo momento das relações de poder e de cultura entre senhores e escravos, indo também ao nível da memória africana e afro-brasileira, estabelecendo vínculos éticos e morais, onde decisivamente o complexo religioso do Xangô está presente.

A instituição Rei do Congo começa a perder seu prestígio no século XIX, juntamente com o agravamento do regime escravocrata e das decisivas lutas libertárias em favor dos escravos em todo o país.

Para o auto dos Congos no Recife, as transformações foram tais que, de um ciclo festivo religioso no mês de outubro, que é o dedicado a N. S. do Rosário, o Maracatu adere ao ciclo Carnavalesco, ganhando nova dimensão, ocupando os mesmos espaços de Cabocolinhos, Troças, Clubes de Frevo, La Ursas, entre outras expressões definidoras do esplêndido carnaval de rua, generosamente popular, integrador da cidade, da sua vida, dos seus habitantes.

Creio que o carnaval do Recife consegue explodir no sentido mais pleno de uma explosão de festa e de participação, onde o Maracatu adquire cada vez menos lugar nos conteúdos e motivos dessa grande festa, apesar das apresentações dos grupos de

Maracatu — Porto Rico do Oriente, Almirante do Forte, Estrela Brilhante, Encanto do Pina, Leão Coroado, Indiano, Leão de Judá, Cruzeiro do Forte, Estrela da Tarde, Leão Brasileiro, Leão Pernambucano, todos presentes no carnaval de 1984.

Ao colocar a perda do espaço, não busco uma visão nostálgica ou uma tentativa de centralizar as preferências populares por outros grupos desse mesmo carnaval, como as Escolas de Samba, por exemplo, que desde o início da década de sessenta vêm marcando sua existência com um número cada vez maior de participantes. Carioquiza-se, talvez, esse carnaval tão expressivo e de forte personalidade, que é o recifense?

Ao mesmo tempo, o Maracatu está colocado no cotidiano da cidade, integradamente ocupando o mesmo universo do Xangô.

Ver o Maracatu isolado no seu conjunto de motivos sociais e religiosos, solto no carnaval do Recife, como mais um tipo de manifestação popular, é vê-lo sem a sua força aglutinadora de negros, pardos, brancos e de todas as demais combinações étnicas que pudermos arrolar.

Maracatu é um grande segmento da sociedade recifense, íntima das águas, dos rios e do mar, da própria civilização marcadamente afro-europeia, de uma cidade tropicalmente expressiva, dona de uma natureza exuberante, influidora do ser pernambucano, no caso do ser recifense.

Esse caminho, inicialmente etnográfico e histórico, escolhi para situar quem é o Maracatu e como o Recife é palco e tema desse enredo real, também local para interpretar os personagens que desempenham seus papéis na festa do carnaval — são damas da corte, baianas, damas do passo, que levam calungas; bonecas do ritual li-

gadas ao mar e à África — são os estandartes bordados e rebordados com fios dourados sobre veludos e cetins, ainda os pálios, os reis e rainhas com suas espadas, coroas, capas e cetros, realeza que caminha nas ruas, rompendo a folia. De longe, são identificáveis os cortejos pelo baque — música que é forte base para a dança e o canto do Maracatu, realizando os ritmos com os gonguês, taróis, caixas de guerra, zabumbas (bombos) — de um conjunto de instrumentos exclusivos de percussão.

Quem vê o Maracatu passar, vê parcela da cidade do Recife passar,

vê um exemplo do amplo processo da cultura pernambucana, enquanto criativa, adaptativa, mantenedora, repositório da memória, dinâmica, ao mesmo tempo, nova.

São Maracatu de Nação, chamados também por Africanos, de Baque Virado ou de Xangô. São também os Maracatus Rurais, de Orquestra ou de Baque Solto, quando os grupos nobremente, estão todos os anos fazendo o Carnaval do Recife; cidade de todas as pontes e de todos os Maracatus.

Raul Lody

